

Tóquio

Sonhara que a mulher estava a enganá-lo. Gilbert Silvester acordou, fora de si. Ao seu lado, o cabelo preto de Mathilda espalhado sobre a almofada, tentáculos de uma medusa maligna, mergulhada em breu. Madeixas grossas moviam-se lentamente, ao ritmo da sua respiração; rastejavam na direção dele. Gilbert levantou-se sem fazer barulho e dirigiu-se à casa de banho, onde se deteve algum tempo, perplexo, fitando-se ao espelho. Saiu de casa sem tomar o pequeno-almoço. À noite, ao regressar do escritório, ainda se sentia como se tivesse levado uma pancada na cabeça, quase atordoado. O sonho não se dissipara ao longo do dia, tão-pouco empalidecera o suficiente para poder ficar convencido de que, como alguém disse, os sonhos são feitos de espuma. Pelo contrário, a impressão que a noite anterior nele deixara fora-se até intensificando, tornara-se mais convincente. Uma inequívoca advertência que o inconsciente lhe dirigira, a ele, o ingénuo ego que de nada suspeitava.

Mal entrou no corredor, deixou cair a pasta ao chão com um gesto teatral e pediu explicações à mulher. Esta negou tudo. O que apenas lhe comprovou quanto a sua suspeita era fundamentada. Mathilda pareceu-lhe mudada. Veemente de um modo pouco natural. Agitada. Envergonhada. Acusou-o de ter saído de casa sorrateiramente, de manhã bem cedo, sem sequer se despedir dela. Fiquei. Preocupada. Como. Pudeste. Fazê-lo. Um nunca acabar de acusações. Uma manobra de diversão muito pouco convincente.

te. Como se de repente a culpa fosse dele. Mathilda estava a ir longe de mais. Ele não o permitiria.

Mais tarde já nem sabia se berrara com ela (provavelmente), se lhe batera (eventualmente) ou se lhe cuspira (enfim...), era possível que, ao falar, no meio de toda a agitação, lhe tivessem saltado da boca uns salpicos de saliva; em todo o caso reunira uns quantos pertences, agarrara nos seus cartões de crédito e no passaporte e saíra porta fora, seguira pelo passeio, junto ao prédio, e, ao constatar que ela não se pusera a correr atrás dele nem o chamara, limitou-se a prosseguir, primeiro devagar e depois mais depressa, até à estação de metro mais próxima. Desaparecera no subsolo, como um sonâmbulo, poder-se-ia dizer retrospectivamente, atravessara a cidade e só se apeou no aeroporto.

Passara a noite no Terminal B, desconfortavelmente estendido sobre cadeiras metálicas com assentos côncavos. Ia sempre verificando o *smartphone*. Mathilda não lhe enviara qualquer mensagem. O avião partiria na manhã seguinte; de entre os voos intercontinentais, fora o primeiro que conseguira marcar num prazo tão curto.

No *Airbus*, já a caminho de Tóquio, bebeu chá verde enquanto assistia a dois filmes de samurais que passavam no ecrã das costas do assento da frente, e foi sempre repetindo, para se convencer a si mesmo, que não só tinha feito tudo certo, como também que o seu comportamento fora inevitável, que continuava a ser inevitável e que assim continuaria, uma inevitabilidade, na sua opinião pessoal e aos olhos do mundo.

Retirava-se de cena. Não insistia em fazer valer os seus direitos. Deixava o caminho livre. Fosse lá para quem fosse. Um macho resmungão, o chefe dela, o diretor da escola. Um rapazinho bem-parecido, acabado de chegar à idade adulta, um estagiário que pretensamente Mathilda estivesse a orientar. Ou uma daquelas suas colegas impertinentes. Contra uma mulher nada podia fazer. Tratando-se de um homem, o tempo poderia eventualmente ser um fator a seu favor. Podia aguardar o desenrolar desse processo, ficar sentado à espera de que passasse, até ela recon-

siderar. Era óbvio que o encanto do que é proibido mais cedo ou mais tarde acabaria por se desvanecer. Face a uma mulher, porém, era impotente. Infelizmente, quanto a isso o sonho não fora muito claro. No entanto, no seu todo, o sonho fora suficientemente claro. Muito claro, até. Como se ele o tivesse pressentido. No fundo, pressentira-o. Há muito. Não andara ela notoriamente bem-disposta nas últimas semanas? Dir-se-ia mesmo que alegre? E também deliberadamente afável com ele? Uma diplomática afabilidade que, de dia para dia, se tornava cada vez mais insuportável; que se teria tornado cada vez mais insuportável, tivesse ele sabido mais cedo o que estava por detrás. Conseguira, porém, naquele embalo, criar nele durante bastante tempo uma sensação de segurança. E ele deixara-se embalar, óbvia falha sua. Não se mantivera suficientemente alerta, deixara-se iludir, pois havia limites para a sua capacidade de desconfiança.

A hospedeira japonesa, com o cabelo preto comprido apanhado num nó ao estilo das gueixas, voltou a servir-lhe chá, acompanhando o gesto com um sorriso encantador. É claro que aquele sorriso não lhe era dirigido a ele em especial, mas foi como se lhe tocasse todo o corpo, como se sobre ele alguém tivesse vertido um balde de bálsamo. Bebericou o chá e observou que, à medida que ia avançando pelo corredor, ela mantinha aquele sorriso, que servia a cada um dos passageiros, imutável, um gesto de encanto como uma máscara, que cumpria o seu propósito com comovente eficácia.

Sempre reudara que Mathilda o considerasse demasiado enfadonho. Vista de fora, a relação deles parecia intacta. A longo prazo, porém, ele pouco tinha para lhe oferecer, nem vida social nem uma genial vivacidade nem qualquer profundidade de carácter.

Era um homem de ciência discreto, professor associado ainda sem vínculo. Não obtivera uma cátedra, para tal faltaram-lhe os antecedentes familiares certos, a capacidade de estabelecer contactos úteis, a competência para a lisonja, para oferecer os seus préstimos. Porque só demasiado tarde se apercebera de que, no meio universitário, o que interessa mesmo é o exercício do poder

num sistema hierárquico: a atividade acadêmica propriamente dita é relegada para segundo ou terceiro plano. E aí ele cometera erros, uma infinidade de erros. Criticara o orientador da sua tese de doutoramento. Dera a entender, nas alturas menos apropriadas, que sabia sempre mais; no entanto, quando teria sido necessário gabar-se, contivera-se, amedrontado.

Enquanto uma densa camada de nuvens ia passando mais abaixo, pela sua memória iam deslizando as recordações dos anos anteriores, uma deprimente e pardacenta massa de humilhações e fracassos. Ainda jovem, acreditara possuir uma inteligência acima da média, destacar-se da multidão daqueles conformistas de mentalidade pequeno-burguesa que diligentemente contribuía para um resultado comum, acreditara ser capaz de, com filosófica sagacidade, se embrenhar nas grandes questões do mundo. Entretanto dava por si numa situação precária, arrastando-se de projeto em projeto, e via-se deixado para trás profissionalmente pelos seus amigos de outrora, que tinham tido notas bastante piores e que jamais haviam manifestado uma ideia própria. Amigos esses que, havia que dizê-lo com todas as letras, eram tecnicamente mais incompetentes do que ele. Contudo, ao invés de Gilbert, estes manifestavam no seu comportamento aquela esperteza que, nas questões relativas à carreira, era a única coisa que se demonstrava útil.

Enquanto os outros se haviam entregado aos confortos da casa própria, da família e das suas rotinas, ele vira-se forçado a realizar trabalhos idiotas e apenas medianamente remunerados, que lhe eram impostos por gente que, no mais profundo do seu ser, ele desprezava. Durante anos a fio vivera com medo de, ao fazê-lo, se vergar a ponto de já nem ser capaz de delinear um pensamento claro. Depois esse medo desvanecera-se e dera lugar a uma indiferença generalizada. Executava aquilo que lhe era exigido, empregava a sua sagacidade nas tarefas mais imbecis e entretanto conseguia já, infelizmente com anos ou mesmo décadas de atraso, fingir que estava de acordo com tudo isso, que não era contra, mas antes a favor.

*

A hospedeira japonesa chegou com um cestinho de que emanava vapor. Com uma pinça metálica comprida fez-lhe chegar um pequeno rolo, uma toalha turca quente e húmida. Com ela Gilbert limpou as mãos de modo mecânico, esfregou-a em redor dos pulsos, sentiu o intenso calor penetrar; o mais puro dos consolos, aquele costume, pensou, um voo singular, em que se fazia todos os possíveis para o acalmar; passou a toalha na testa, uma mão materna quando se tem febre, surpreendentemente agradável, mas entretanto já começara a arrefecer, pousou-a sobre o rosto, não mais do que alguns segundos, até não ser senão um trapo húmido e frio.

O projeto atual fizera dele um especialista em estilos de barba. De duvidoso interesse, categoria em que quase não tinha rival, ainda assim esse projeto assegurava-lhe durante alguns anos um rendimento fixo. E, com o tempo, lograra até obter prazer ao lidar com aquele inenarrável tema, como de resto, regra geral, sempre lhe sucedia: o seu interesse ia-se intensificando à medida que aprofundava o conhecimento de todo o sistema. Na escola de condução entusiasmara-se com as regras de trânsito, nas aulas de dança com as sequências de passos, identificar-se com as coisas não era para ele nada do outro mundo.

Gilbert Silvester, investigador no campo da pognologia no âmbito de um projeto financiado com fundos externos, patrocinado pela indústria cinematográfica do estado da Renânia do Norte-Vestefália, bem como, ainda que em menor escala, por uma organização feminista de Düsseldorf e pela comunidade judaica da cidade de Colónia.

O projeto debruçava-se sobre os efeitos da representação de barbas no cinema. Eram investigados aspetos dos estudos culturais e da teoria de género, a iconografia religiosa e ainda questões ligadas à possibilidade da expressividade filosófica através da imagem.

Como de costume, tratava-se de um projeto de investigação cujos resultados eram, à partida, ponto assente. Gilbert realizava o trabalho árduo, coligia pormenores, com a profusão de material à